ESCLEROSE MÚLTIPLA PROGRESSIVA: DESAFIOS TERAPÊUTICOS E ESTRATÉGIAS DE NEUROPROTEÇÃO

Isabella Francisca Monteiro de Araújo[1]; Débora de Oliveira Ferreira[2]; Raffaela Stephany Mota da Silva Vermehren[3]; Caroline Maia Arana[4]; Carla Moraes Arana[5]; Pedro Lucas Sampaio de Carvalho[6]; Nairo Saboia Cavalcante[7]; Roberta Rose Ferreira Aguiar[8]; Maria Vitória Lima de Sousa[9]; Clara Helena Brito de Souza Rodrigues[10]

isamoteiroa@gmail.com

Introdução: A esclerose múltipla (EM) é uma doença inflamatória crônica e desmielinizante do sistema nervoso central. A forma progressiva da doença, que inclui a esclerose múltipla primariamente progressiva (EMPP) e a secundariamente progressiva (EMSP), caracteriza-se por piora contínua da função neurológica, com menor participação inflamatória aguda. O manejo da EM progressiva representa um dos maiores desafios terapêuticos, pois as opções disponíveis são limitadas e, muitas vezes, pouco eficazes. **Objetivo:** Analisar os principais desafios terapêuticos na esclerose múltipla progressiva e discutir as estratégias atuais e emergentes de neuroproteção. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática da literatura nas bases de dados PubMed, Scielo, BVS e MEDLINE. Foram selecionados 19 artigos publicados nos últimos 5 anos, em português ou inglês, incluindo ensaios clínicos randomizados, metanálises e revisões sistemáticas que abordaram tratamentos e abordagens neuroprotetoras para a esclerose múltipla progressiva. **Resultados e Discussão:** Atualmente, poucas terapias modificadoras da doença são eficazes na EM progressiva. O ocrelizumabe, um anticorpo monoclonal anti-CD20, é aprovado para o tratamento da EMPP e demonstrou redução na progressão da incapacidade em estudos como o ORATORIO trial. Na EMSP, o siponimode, um modulador seletivo do receptor da esfingosina-1-fosfato, mostrou benefícios na desaceleração da progressão em pacientes com doença ativa. Entretanto, a resposta terapêutica é variável e geralmente modesta. Estratégias emergentes de neuroproteção incluem agentes antioxidantes, remielinizadores, bloqueadores de canais iônicos e terapias celulares. Pesquisas com medicamentos como a biotina em alta dose e com moduladores de remielinização, como o opicinumabe, ainda não trouxeram resultados definitivos. Intervenções não farmacológicas, como a reabilitação neurológica precoce, controle de comorbidades e programas de exercício físico supervisionado, também são fundamentais para preservar a função neurológica e a qualidade de vida. **Conclusão:** A esclerose múltipla progressiva continua a representar um desafio terapêutico significativo. O desenvolvimento de terapias eficazes de neuroproteção e remielinização é uma prioridade na pesquisa atual. O tratamento deve ser multidisciplinar, integrando abordagens farmacológicas e não farmacológicas.

Palavras-chave: Esclerose Múltipla Progressiva; Neuroproteção; Terapias Modificadoras da Doença; Ocrelizumabe; Siponimode.

Área Temática: INOVAÇÃO E TECNOLOGIA NO CUIDADO DE DOENÇAS CRÔNICAS